

## A RELIGIÃO DO GIRASSOL

*Poesia*

Antologia organizada por Jorge Sousa Braga

Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

ISBN: 972-37-0604-0

66 páginas.

William Blake, o expoente máximo da «religião do girassol», abre esta antologia breve organizada pelo poeta Jorge Sousa Braga, que conta também com a participação de vários tradutores e artistas plásticos, cujas imagens complementam os poemas. O volume prima pela simplicidade a que nos tem habituado a Assírio & Alvim, uma editora especialmente dedicada à divulgação da poesia em Portugal, onde as prateleiras das livrarias nos deixam adivinhar que o verso continua afastado do universo da generalidade dos leitores. Para muitos, a poesia permanece uma arte exótica e, acima de tudo, esotérica, cujo sentido oculto se oferece apenas àqueles seres etéreos sem ligação aparente ao mundo.

Ora, precisamente, o girassol só pode ser um símbolo de ligação ao mundo. É a flor de essência fenomenológica, que no poema “Ah! Sunflower” / “O Girassol”, um dos «Songs of Experience» de Blake, “continua contando os passos do sol”, e que Wallace Stevens, numa belíssima tradução de Ana Gabriel Macedo (p. 51), transforma na imagem concisa do seu lema mais representativo, “Vejam a coisa em si mesma e nada mais” (variante intertextual de “No Ideas About the Thing But the Thing Itself”, com raízes profundas no imagismo de William Carlos Williams e Marianne Moore). Ainda segundo Stevens, o girassol busca o “centro”, “com o mais ardente fogo do olhar”, observando a coisa “no seu vazio essencial”. Assim, o olhar “nítido como um girassol” (p. 21) de que fala Alberto Caeiro é aquele capaz de desvendar, numa consciência intencional, a face originária do objecto, dissimulada pela habituação perceptiva. A imagem do girassol não é senão o ponto de encontro de linguagens poéticas apoiadas, advertida ou inadvertidamente, sobre uma mesma base fenomenológica, o que lhes confere paridade na forma de olhar as coisas do mundo e o mundo das coisas. Embora a fenomenologia tenha sido alvo de estudos sistematizados apenas a partir do início do século XX – primeiro com Edmund Husserl e as suas *Ideen* (1913), depois com Maurice Merleau-Ponty e a publicação de *Le Visible et l’Invisible* e *L’Oeil et l’Esprit* (1964) –, sempre houve quem visse o mundo com olhos de ver.

Ao transformar o hipertexto “A Religião do Girassol”, do francês Saint-Pol Roux, no fio condutor da antologia, o organizador reúne textos com mais afinidades entre si do que à primeira vista poderia parecer. Não é, decerto, por mero acaso que os textos inclusos se inscrevem na modernidade ou são, pelo menos, modernistas, enquanto conceito estético-categorial demarcado por Jorge de Sena. A atitude fenomenológica será sempre uma atitude modernista, não sendo também de esquecer que é em pleno modernismo histórico que Husserl inicia as suas reflexões filosóficas. Só assim se torna clara a pertinência de incluir na amostra composições do Maneirismo, do Barroco, do Romantismo e do Surrealismo e autores – com ou sem prémio Nobel – de origem francesa, alemã, portuguesa, norte-americana, mexicana, brasileira, chinesa, italiana, venezuelana e sérvia. E só assim poderia surgir lado a lado poesia dos três géneros, desde a qualidade lírica de um Camões (p. 16) à qualidade dramática do discursivismo surreal de André Breton (p. 32).

No que diz respeito à poesia mais discursiva, é-nos facultado o acesso a textos de alguns autores contemporâneos entre nós esquecidos, de que é exemplo Allen Ginsberg. O último livro do poeta *beat* norte-americano a aparecer no nosso país foi *Uivo e outros Poemas*, no ano longínquo de 1979, embora seja de referir que quase toda a sua obra poética já veio a lume no Brasil, em edições de inquestionável valor. De qualquer forma, Ginsberg encontra-se bem representado, com a estreia em Portugal de “Sunflower Sutra” / “Sutra do Girassol”, datado de 1955 e publicado pela primeira vez em versão original na colectânea *Howl and Other Poems* (1956). A tradução de Jorge Sousa Braga não se presentifica enquanto tal, sobretudo por se tratar de uma tradução mais criativa, ou de uma ‘adaptação’, como alguns a denominam. E o poeta-tradutor tem de facto razões para seguir este caminho. Primeiro, porque não é uma edição bilingue; segundo, porque a linguagem de Ginsberg se situa no extremo do idiomático; terceiro, porque as imagens são construídas, a maioria das vezes, por uma justaposição de qualificadores difícil de verter para o Português, como “tincan banana dock” / “caixas metálicas de banana”, “Unholy battered old thing you were” / “tão velho e profano que tu eras” e “on a busted rusty iron pole” / “num dos carris ferrugentos”. Ainda no contexto da poesia dramática, destaco a presença de Ruy Belo (e “O Girassol de Rio de Onor”), cujos poemas todos, ou *Todos os Poemas*, vimos sair este ano sob a chancela da Assírio & Alvim. No domínio do épico, faço referência a Carl Sandburg, instigador da consciência social na América dos anos 30, que nos chega através do poema “Cripple” / “O Coxo”, em tradução límpida de Helder Moura Pereira. Mas não posso deixar de lamentar a exclusão de «O Último

Girassol», escrito pelo próprio organizador: «Hoje vomitei um líquido esverdeado / Eram as primeiras folhas / Estou prestes a florir» (em *O Poeta Nu*, Fenda, 1999 e *Balas de Pólen*, Quasi, 2001). Ao todo, são nove os volumes da sua autoria, entre os quais *Plano para Salvar Venezuela* (Fenda, 1981), *Boca do Inferno* (Gota D'Água, 1987), *Os Pés Luminosos* (Centelha, 1987) e *Herbário* (Assírio & Alvim, 1999).

Se é verdade que a recolha de Jorge Sousa Braga nos permite, pela sua abrangência, intuir o sentido da “religião do girassol”, fazer-se-á sentir, no leitor comum, a ausência de uma pequena apresentação aos poetas que constam da antologia. Porventura, a ideia seria que os poemas falassem por si, sem necessidade de qualquer espécie de contextualização. Por um lado, esta omissão deliberada de notas biobibliográficas concede aos poetas um certo anonimato e poderá deixar o leitor sem apoio seguro. Por outro, tem a vantagem de focalizar os textos *per se*, como dizia Edgar Allan Poe, evidenciando uma intenção anti-biografista. Assim, os textos contam-nos uma história, mas mais no domínio da dicção do que da ficção, para usarmos a terminologia de Genette, pois não estabelecem nenhuma estrutura cronológica, parecendo em vez disso obedecer à força das palavras que souberam resistir à entropia do tempo e do desejo que as gerou. O resultado é uma selecção muito pessoal de vinte e nove poemas, acompanhados de sete imagens pictóricas, que parece evitar algum rigor académico, ao excluir datas e títulos originais. Partindo de uma formulação de Italo Calvino, diríamos que *A Religião do Girassol* vem fazer frente ao peso da enorme máquina mundana: trata-se de uma colecção primaveril cujo grande mérito está na leveza, quer em termos físicos (pesa pouco mais de 100 gramas) quer em termos metafísicos, pois, ao lê-la, não podemos fazer senão como o girassol e gravitar, simplesmente, em torno da luz.

*Paula Ramalho Almeida*